

A OBRA *MAR MORTO* SOB O OLHAR GEOGRÁFICO

Fander de Oliveira Silva¹
Samuel Alves Maciel²

RESUMO

Diante da importância da literatura brasileira, da espacialidade e temporalidade em que as obras são escritas e narradas, o presente trabalho vem corroborar o diálogo entre Geografia e Literatura, partindo do objetivo geral que é apresentar a obra *Mar Morto* e seus personagens que são sujeitos geográficos como instrumento de análise para o ensino na Geografia. Para isso, foi feita uma fundamentação teórica sobre o assunto e reflexão da obra e vida de Jorge Amado, como também observações empíricas na sala de aula, partindo do sentimento dos alunos quando trabalhada a obra.

Palavras-chave: Ensino da geografia. Literatura e geografia. Jorge Amado.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo vem expor uma relativa inquietação diante da leitura de obras literárias brasileiras e, mais além, a afinidade da literatura com o ensino de geografia. Para discorrer sobre esta temática, apresenta-se uma reflexão e estudo geográfico da obra *Mar Morto* (1936), de Jorge Amado, apresentando-a como possibilidade e recurso nas práticas pedagógicas em nível de ensino médio.

Partindo do objetivo geral, que é identificar a relação existente entre a Geografia e a Literatura na obra em questão, apresentando-a como instrumento de análise e ensino na Geografia, o propósito é denotar a interdisciplinaridade da Geografia com a obra, explicitar o envolvimento de alguns personagens principais com os aspectos fisiológicos a partir de categorias (região, paisagem, lugar) e conceitos geográficos e analisar os fatos históricos, sempre que necessário, a condição socioeconômica, política e cultural que regiam a época em que foi escrita a obra.

¹ Graduando do Curso de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia

² Graduando do Curso de Geografia na Universidade Federal de Uberlândia

Jorge Amado, com certeza, é um dos principais escritores brasileiros. Conhecido internacionalmente, grande parte dos seus livros foram adaptados para o cinema, a TV, histórias em quadrinhos, como também serviu de instigação para a música popular brasileira.

O autor nasceu em Itabuna – BA, e aos 18 anos mudou-se para o Rio de Janeiro, formando-se na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde publicou o seu primeiro romance, “O país do carnaval”. Obra a qual recebeu elogios dos críticos e alavancou sua carreira de escritor, como também, proporcionou a sua notoriedade na política, se tornando um líder no Partido Comunista.

Desde a década de 50, Jorge Amado dedicou a sua vida à literatura escrevendo obras clássicas em que muito se fala da Bahia, dentre elas os títulos de maior sucesso: *Cacau* (1933); *Capitães da Areia* (1936); *Mar Morto* (1936); *A Morte e a Morte de Quincas Berro D’água* (1959); *Gabriela, Cravo e Canela* (1958); *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (1966) e *Tenda dos Milagres* (1969). Com 88 anos de idade o autor teve por interrompido o seu trabalho por problemas de saúde, falecendo no dia 21 de junho de 2001 em Salvador–BA.

Mar Morto representa uma fase do autor em que ele se dedicava a fazer testemunhos sentimentais, sobre rixas e amores dos marinheiros e da vida simples que levavam à beira d’água na Bahia. A história se passa no Cais da Bahia, lugar em que os pescadores e marinheiros tomavam a sua vida seduzidos por Iemanjá (mãe d’água e deusa do mar), sendo Seu Francisco um dos mais velhos marinheiros que vivera toda sua vida ali e agora criava o sobrinho Guma, ensinando-lhe as peripécias do mar. Guma quando amadurecido, assume um saveiro nomeado por Valente, barco que mais tarde o aproveita para salvar um navio que estava prestes a naufragar em uma noite tormenta e agitada no mar. Com este fato, se falava da astúcia e valentia de Guma em toda região, principalmente nos botequins de Cachoeira. Depois disso, o personagem conheceu Lívia, uma das virgens mais bonitas do Cais, com quem se casou e continuou a morar na casa de Seu Francisco, onde morava ao lado de Rufino (amigo de Guma) e Esmeralda, sua esposa. Viviam muito bem, antes de Guma se envolver com Esmeralda, que sempre o caçava e desejara. Rufino descobre a traição, mata Esmeralda em alto mar e se mata de desgosto. Lívia, depois de algum tempo descobre que está grávida, e Guma com a notícia embarca em alto mar, notoriamente perturbado, batendo o navio sobre as pedras lhe destruindo totalmente. Nasce Frederico, trazendo felicidade a sua casa. Guma, mesmo feliz pelo nascimento do seu filho, estava arruinado, por ter perdido seu saveiro, o que lhe induziu a contrabandear seda com os árabes, para sustentar sua família, e pagar as suas dívidas. Em uma destas viagens de contrabando, o filho de um dos árabes cai no mar. Guma a pedido do árabe pula no mar conseguindo o salvar, mas acaba morrendo em seu ato de

bravura e coragem. Lívia tomou conta do saveiro (Paquete Voador), que Guma comprara antes de morrer, velejando sobre as águas do mar, que se tornaram calmas e mortas, após a deusa dos cinco nomes, estender os seus cabelos compridos no mar.

Até as suas últimas páginas, a história de Guma é emocionante e apresenta a geografia do lugar, da região e a paisagem do cais em que se perpassa esta história. Diante destas categorias de análise da geografia, para abrir este trabalho, é importante interrogar o hábito de leitura às obras literárias clássicas que foram escritas por grandes nomes da literatura brasileira, as quais geralmente relatam e denunciam os problemas sociais, ambientais, econômicos e políticos que a sociedade da época enfrentava. Neste sentido, é importante lembrar que além de proporcionar ao leitor, melhor compreensão de textos em geral, e estimular um discurso crítico e reflexivo, o objeto literário traz uma ansiedade e reflexão frente à literatura e o seu significado no tempo e espaço em que foi escrito, e também na contemporaneidade. Na obra *Mar Morto*, este significado pode ser afirmado ou negado, sob a investigação geográfica em diferentes escalas, seja de tempo e espaço, lugares, região, paisagem, cultura e economia.

2 LITERATURA E GEOGRAFIA

Submergindo a reflexão sobre a literatura na perspectiva geográfica, cabe trazer os seus significados e denotações presentes no ensino da Geografia. Neste sentido, evidencia-se que a narrativa literária se apresenta na sua natureza fictícia, a possibilidade de interpretação, reflexão e associação da contemporaneidade.

A literatura que especificamente é ficcional, está largamente associada à representação dos lugares que são vivenciados por personagens em determinado tempo e espaço, instituindo-se assim, o espaço fictício a realidade (SARAIVA, 2001, p.52).

Nesta mediação é que podemos fazer referência a Geografia, que a partir da literatura é permitido ao leitor a sua inserção no tempo e espaço vivido, e desta forma, remetê-lo ao conhecimento cultural, político, econômico e social.

Pode-se tomar a obra literária como um dos subsídios para entender os contextos do lugar e as interações que este espaço tem com outras partes do país e do mundo. As tramas literárias representam a pessoa “comum” seus dramas (política, cultura e economia) e seus espaços cotidianos (o lugar). (REICHWALD, 2003, p. 71).

Considerando que o objeto de análise e estudo da Geografia é o espaço, onde historicamente foi e é ocupado e organizado pela sociedade humana, as obras literárias conforme citado, é por sua vez, possibilidade para representação condicional a períodos históricos, utilizando-se como instrumento de análise e confronto nas abordagens pedagógicas interdisciplinares, que a Geografia permite.

Nos últimos anos (2000-2010), houve um crescimento nas pesquisas relacionadas ao diálogo entre Geografia e Literatura, talvez para resgatar a importância da denúncia política, ambiental, econômica e social que as obras brasileiras retratam, e/ou desenvolver novas metodologias de ensino na relação ensino-aprendizagem.

O caminho da interpretação, compreensão e análise das obras literárias tem sido referência norteadora para pesquisadores deste campo na Geografia e embora se fale recentemente da temática, as pesquisas na perspectiva geográfica não são recentes, pois a partir da década de 1940, alguns geógrafos como Fernando Segismundo (1949) e Yi-Fu Tuan (1978), dentre outros já procuravam o significado da Geografia nos diversos gêneros literários.

No entender do leigo, será contrassenso incluir-se um livro de literatura, um romance, por exemplo, entre os tratados de geografia, como documento duma região ou dum acidente. Certo, a obra de ficção – conto ou poesia – não é estritamente uma composição geográfica, mas, do mesmo modo que um tomo de geografia é obra literária, um romance ou volume de versos podem constituir excelente repositório de dados geográficos. (SEGISMUNDO, 1949, p. 327).

A temática vem sendo bastante desenvolvida nas últimas décadas no Brasil, entre os trabalhos mais precisos cita-se alguns que serviram como alicerce para construir esta análise: Ferreira (1990), que defende sua dissertação, analisando a obra de João Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”. Santos (2002), que faz um paralelo entre as obras de Milton Santos “O centro da cidade de Salvador” e Jorge Amado “Tenda dos Milagres” identificando o lugar como espaço vivido e as manifestações culturais baianas. Sousa (2008), que utiliza a obra “Viver é devagar” de Brasigóis Felício, para defender a sua tese, apresentando o significado da obra em diferentes escalas na sociedade goianiense. Por vez, também se apresenta trabalhos específicos que convergem a Geografia e Literatura, entre eles: “Ensino de Geografia pela Literatura: Espaço Literário e Espaço Geográfico” de Superti e Barbosa (2012).

Ao se debruçar sobre as visões geográficas das obras, e trabalhos citados, percebe-se que todas elas direcionam os seus olhares para o espaço, o lugar, a paisagem, a região e o

território. Constituindo-se sobre o que foi apresentado, vê-se a importância da Literatura na Geografia, enquanto possibilidade e método inerente no ensino, e então, a partir da leitura do romance *Mar Morto*, é que se pode realizar um diagnóstico sobre a paisagem, cultura e economia do cais da Bahia, onde faço referências aos personagens que aparecem como sujeitos geográficos.

3 MAR MORTO, JORGE AMADO

Partindo dos conhecimentos acerca da paisagem, cultura e economia do cais da Bahia, entende-se que seria indispensável resgatar a narrativa que Jorge Amado faz no *Mar Morto*, por ser um autor da literatura brasileira, que viveu nesta região e ser apaixonado por ela, como também pela sua obra abarcar em sua interioridade um olhar geográfico no que concerne à descrição da paisagem, a religião, as relações sócio-espaciais, a etnia, os costumes e o apego que os marinheiros, canoieiros e pescadores tinham ao lugar.

A obra, que fora escrita em uma fase do modernismo, deixa entrelinhas algumas críticas sociais. Percebe-se, que além de narrar à história de vida de Guma e Seu Francisco, o autor buscou caracterizar o lugar pela luta diária dos trabalhadores, sobrevivência, miséria, condição que esperam as mulheres viúvas do cais e por uma divisão social entre (vagabundos, prostitutas, meninos abandonados, marinheiros, canoieiros, pescadores e burgueses proprietários urbanos e rurais).

- Eu mesmo nem sei... Quero levar êle porque é meu filho e não tem pai... Vida de mulher-dama vosmecê sabe como é... Hoje aqui, amanhã acolá... Se êle ficar vai ser como o pai, morre afogado (JORGE AMADO, 1936, p. 36).

Na citação acima o autor demonstra a condição socioeconômica e o destino de cada marinheiro do cais. A vontade da mãe de Guma em levá-lo embora, faz referência ao lugar como miserável e que o único destino, assim como fora o do seu marido, é a morte em alto mar. Assim como neste trecho, o autor em vários momentos do romance, faz referência a condição de pobreza em que se passava a comunidade.

Não por causa da pobreza da vida deles, da miséria das casas, do peixe diário, da falta eterna de dinheiro. Isso qualquer uma delas suportaria, que em geral estão acostumadas, ou são do cais mesmo ou são filhas de operários, de trabalhadores miseráveis também. A pobreza elas estão acostumadas, muitas vezes a coisas piores que a pobreza. Mas a que não estão acostumadas é a [...] ficar sem teto, sem abrigo, sem comida, a serem

logo engolidas por uma fábrica ou pela prostituição.”(JORGE AMADO, 1936, p. 123)

A vida no cais da Bahia, era com certeza uma luta árdua pela sobrevivência, as mulheres que se casavam com um marinheiro, estavam sujeitas a dificuldades proeminentes quando o seu marido viesse a ver Iemanjá (deusa do mar), já que era ele o responsável pela sobrevivência da sua família. Ainda que habituadas com a pobreza, elas não estariam acostumadas a trabalhar em fábricas no centro da cidade e poderiam vir a ser prostitutas, como fora o destino da mãe de Guma.

A história se passa em um lugar caracterizado pela solidariedade, pelas relações comerciais, pelos valores morais, festas religiosas, famílias não exacerbadamente consumistas, por botequins de esquina e pelo romance que têm pela natureza:

Jeremias trouxera o violão. Outros tinham trazido harmônica e o negro Rufino trouxera sua viola também. Ali estava Maria Clara com sua voz. E cantaram as canções do mar, desde aquela que diz que a noite é para o amor (e todos sorriam para Guma e Lívía) até a que dizia que é doce morrer no mar. E dançaram também, todos quiseram dançar com a noiva, beberam cachaça, comeram os doces que D. Dulce tinha mandado e a feijoada que o velho Francisco, ajudado por Rufino, tinha preparado. Riam muito, esquecidos da noite úmida, do vento sul, do mês de Junho. Breve seria São João e as fogueiras crepitariam no cais. [...] As casas são de palha. Passam homens que vendem peixe, as calças arregradas, os braços tatuados. Aqui em Mar Grande existem candomblés afamados, pais-de-santo respeitados. Há algumas casas de pedra na zona dos veranistas. É terra dos pescadores. Daqui saem todas as manhãs os barcos para a pescaria e voltam à tarde lá pelas quatro horas. Antigamente levavam e traziam veranistas da Cidade. Hoje há uma lancha que faz esse serviço”. (JORGE AMADO, 1936, p. 151-168).

As representações religiosas também são um dos principais temas da obra. O autor, a todo o momento que julga necessário, busca em sua mente as imagens de uma comunidade arraigada pela fé, aos candomblés e pais-de-santo e a Iemanjá dos cinco nomes, uma figura mítica e religiosa.

O som dos instrumentos ressoa por toda a península de Itapagipe. Os músicos estão excitados também como todos os que assistem a esta macumba do pai Anselmo, em honra de Iemanjá. Faz meses que estas negras, que hoje são feitas, foram iniciadas. Primeiro deram a todas elas um banho com as folhas sagradas, raspam-lhes os cabelos da cabeça, das axilas, do púbis, para que o santo mais livremente possa penetrar, e então veio o efun. Tiveram as cabeças pintadas e também as faces com cores berrantes. Receberam então Iemanjá, que penetrou nelas ou pela cabeça ou pelas axilas ou pelo púbis. (JORGE AMADO, 1936, p. 87).

O sentido da religiosidade, próprio do animismo africano, encontrava-se na gênese das crianças ali nascidas. Cada criança ao ver o mundo, já estaria com o destino traçado pelo mesmo destino do pai, do tio, dos companheiros, de todos que rodeavam a beira do cais: seu destino era ir ao encontro de Janaína (Iemanjá), que debruçava estendia seus cabelos no azul do mar, conforme citação:

Rodeiam a loca da Mãe-d'Água. Os cabelos de Iemanjá se estendem no azul do mar bem por baixo da Lua. As mulheres sacodem os presentes, recitam os pedidos (... que meu homem não fique nas tempestades... nós tem dois filhos pra criar, minha santa Janaína....) e ficam com os olhos longos vendo se eles afundam. Porque se eles bolarem é que Iemanjá não aceitou o presente e então a desgraça pesará sobre aquela casa. (JORGE AMADO, 1936, p. 86).

Cabe ressaltar, neste mesmo contexto, as percepções que os personagens tinham enquanto sujeitos geográficos. Muitos dos sentimentos do autor, que ao olhar o cais da Bahia, são materializados nas falas dos personagens que retratam a vida naquele lugar. Analisemos o diálogo de Seu Francisco e a mãe de Guma:

- Boto ele num colégio, vai aprender a ler, talvez vire doutor como o tio dele, meu irmão... Não vai morrer afogado...
- Siá dona, destino é coisa feita lá em cima. Se ele tem de ser de Janaína, não há saber que livre ele. Se ele ficar aqui, vira homem de verdade. Se for com a senhora, acaba um mofino que nem esses homens de cabaré...(JORGE AMADO, 1936, p. 36).

O autor através da mãe de Guma, faz uma crítica à educação que era oferecida as pessoas que moravam a beira do mar. Se Guma viesse a ir para a cidade, estudaria e viria a ser um doutor, como o tio, e não viesse a ter o mesmo destino dos marinheiros. Seu Francisco, um marinheiro experiente crente em Iemanjá, defende seu destino, assim como o do seu povo, criticando os homens do cais que foram à cidade e se tornaram homens de cabaré.

Chico Tristeza contou:
- Lá pras bandas da África onde eu tive, meu povo, vida de negro é pior que vida de cachorro. Tive nas terras dos negros que agora são dos Franceses. Ali negro não vale nada, negro é só escravo de branco, apanha de chicote. E ali é terra deles... [...] Os outros **ouviam mudos**. Um negro tremia de raiva. (JORGE AMADO, 1936, p. 203, grifo nosso)

Chico Tristeza, negro hercúleo, era um dos canoieiros que trabalhava no cais e por vontade própria um dia decidira andar pelas terras distantes atravessando o mar, agora estava de volta ao cais e contava no botequim, histórias de quão os negros eram escravizados pelos brancos, e como apanhavam de chicote.

A percepção de Jorge Amado, é mostrada no texto por intermédio de suas palavras, as quais o leitor pode perceber que Chico Tristeza, retrata a condição de escravidão que lhe fora condicionado. No cais, os seus companheiros identificavam tamanha crueldade, contudo brancos e negros permaneciam calados à denúncia de Chico, lutavam apenas em busca da sobrevivência.

- Você nunca imaginou esse mar cheio de saveiros limpos, com marítimos bem alimentados, ganhando o que merecem, as esposas com o futuro garantido, os filhos na escola não durante seis meses, mas todo o tempo depois indo aqueles que têm vocação para as Faculdades? Já pensou em postos de salvamento nos rios, na boca da barra? As vezes eu imagino o cais assim...(JORGE AMADO, 1936, p. 150).

É anseio de Jorge Amado, que representado por Dulce, a paisagem, a cultura e economia do cais que fora narrada vai se (re)configurando, apresentando novas experiências e fases que aquele povo viveu na época.

4 RETICÊNCIAS

A obra literária cumpre o seu papel, na medida em que se materializam as imagens que o autor propõe na narrativa, imagens estas, que representam não só o seu sentimento de espaço vivido, o real e o imaginário, como também a voz do povo. Assegurado aos objetivos de identificar a relação existente entre Geografia e Literatura, a obra permitiu identificar este vínculo a partir do olhar geográfico, apresentando-se como uma possibilidade didática.

Estudar Geografia através da Literatura é muito além de retirar da obra as características e categorias geográficas, concebendo-se assim um rico instrumento de ensino. Assim, como tantas outras obras que representam o espaço e tempo vivido de múltiplos lugares do Brasil, a análise da obra de Jorge Amado veio legitimar a importância da literatura brasileira na denúncia da condição política e socioeconômica no Brasil, o que podemos considerar um trabalho em construção, pois o olhar geográfico da obra não se encerra nesta reflexão.

DEAD SEA THE WORK UNDER THE GEOGRAPHICAL LOOK

ABSTRACT

Given the importance of Brazilian literature, spatiality and temporality in which the works are written and narrated, this work comes to legitimate dialogue between Geography and Literature, from which the overall goal is to present the work and its characters as subjects of geography and instrument analysis and teaching in Geography. For this was made a theoretical framework on the subject, critical analysis and reflection of the life and work of Jorge Amado, as well as observations in the classroom during supervised training.

Keywords: Teaching of geography. Literature and geography. Jorge Amado.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água**. Editora Record, Rio de Janeiro, 2000.

_____. **Cacau**. Rio de Janeiro: Record, 1933. 47p.

_____. **Capitães da Areia**. 57 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

_____. **Dona Flor e seus dois maridos: história moral e de amor**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1979

_____. **Gabriela, cravo e canela**. 85. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 363p

_____. **Mar Morto**. 20ª Edição, São Paulo: Martins, 1936. Bahia de Todos os Santos: guia de ruas e mistérios. Rio de Janeiro: Record, 1936.

_____. **Tenda dos Milagres**. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A percepção geográfica da paisagem dos gerais no “Grande Sertão: veredas”**. 1990. 201 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

REICHWALD, G. Jr. Leitura e escrita na geografia ontem e hoje. In: KLÜSENER, R; NEVES, I.C.B; SOUZA, J.V; SHAFFER, N.O (Orgs) **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre:UFRGS,2003.

SARAIVA, A. J. Narrativa literária: aspectos composicionais e significações. In: SARAIVA, A. J (Org.). **Literatura e alfabetização: Do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 51-61.

SANTOS, J. R. D. A cidade do Salvador: um diálogo entre o espaço e a literatura nas obras de Milton Santos e Jorge Amado. CD-Rom do **VI Encontro Baiano de Geografia**, 2002.

SEGISMUNDO, F. Literatura e geografia. **Boletim Geográfico**. Rio Claro, n 76, ano, VIII, p. 327-332, julho 1949.

SOUSA, A. A. M. **.Geografia e Literatura: A Representação de Goiânia em Fragmentos de Viver é Devagar de Brasigóis Felício**. 1. ed. Goiânia: Kelps, 2008. v. 1. 160p .

SUPERTI, G. N. ; BARBOSA, Tulio . Ensino de Geografia pela Literatura: Espaço Geográfico. In: XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG 2012, Belo Horizonte. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos - XVII ENG**. Belo Horizonte: AGB, 2012. p. 1-9.

TUAN, Yi-Fu. "Literature and Geography: implications for Geographical Research", Ley, David and Samuels, M. (ed.), **Humanistic Geography – Prospects and Problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978, pp. 194-206.

Artigo recebido em 15/05/2014 para avaliação e aceito em 20/10/2014 para publicação.